

a cicatriz

MARIA FRANCISCA GAMA

**EDIÇÃO
ESPECIAL
ASSINADA**

Inclui audiobook
narrado pela
autora

feito assim não dá

*Não deixe
o samba
morar
Não deixe
o samba
acabar*

SUMA
de letras

*Ao Miguel,
o amor da minha vida.*

«Estás predestinado para o êxito
A tua vida será um longo e amplo êxito
A menos que tu próprio tenhas quebrado um tal destino.»
16/12/95, SAM THE KID

Nota da autora

Este livro contém linguagem explícita e gráfica, que pode ferir a suscetibilidade de alguns leitores. As descrições de violência não foram embelezadas nem aligeiradas para que isso não acontecesse. Acredito que a Arte, em todas as suas formas de expressão e existência, deve causar-nos desconforto; no entanto, deixo esta nota, podendo o leitor, se assim o entender, optar por regressar a esta história mais tarde.

O Rio de Janeiro continua lindo

«Há qualquer coisa bonita na pobreza.»

Foi a primeira frase que ele disse quando, passados alguns quilómetros no táxi, apanhado por sorte mal saímos do Aeroporto Internacional, viu, lá ao alto, a Favela Caju. Dali, no conforto de um carro de janelas escuras, que mantínhamos abertas devido ao calor, ainda que já fossem dez da noite, a favela parecia uma árvore de Natal gigante, pequenos pontos de luz que se faziam ver ao longe, cá de baixo. Muito mais impressionante do que qualquer fotografia que já tínhamos visto e muito menos assustadora do que todos fizeram questão de nos alertar nas semanas anteriores a embarcarmos.

O taxista ouviu o comentário dele e soltou entre dentes um suspiro que teve tanto de impaciente como de piedoso. Não disse nada, mas eu, que já tinha estado no Rio de Janeiro uns anos antes, soube que ele pensara *gringos: maiores cabeções*.

Tendia a concordar com o meu namorado, e foi por isso que lhe agarrei a mão e me encostei a ele, apaixonada, tão feliz por ali estar. É muito difícil percorrer aquele caminho e não estar constantemente surpreendido e embasbacado com a grandeza da cidade, as suas disparidades, a humidade noturna e a persistente neblina dos dias que, talvez de propósito, tenta esconder dos visitantes os morros carregados de miséria. No entanto, isso, ao longe, parece ser o mais bonito da cidade.

Tínhamos sonhado muito com esta viagem. Precisávamos de descansar e de sair daqui, de onde agora escrevo estas páginas. Éramos novos, mas namorávamos há tempo suficiente para

sabermos que a rotina é matreira e ociosa, e nenhum de nós se rendia à ideia de perdermos o fascínio um pelo outro e a paixão que ainda pulsava na nossa relação — e se fazia sentir na cama que partilhávamos. Trabalhávamos muito, cada um nas suas coisas, tentávamos subir a pulso nas empresas onde estávamos, dedicávamos horas a mais ao trabalho, a tentarmos impressionar os nossos chefes, a estabelecermos relações de admiração mútua com os nossos pares, tantas vezes mais interesseiras do que sentimentais, uma canseira, um desgaste, um mal necessário. Nisso, éramos iguais: queríamos muito ser alguém na vida, e não nos tinham explicado como o poderíamos fazer sem preterirmos a nossa vida pessoal. Por essa razão, e ainda que vivêssemos juntos num apartamento arrendado nos arredores de Lisboa, víamo-nos menos do que gostaríamos. Semanas como esta serviam para nos olharmos com tempo, para deixarmos os telemóveis arrumados e o constante atualizar do *e-mail* de trabalho, para falarmos sobre o futuro, o presente e, quando dividíamos uma garrafa do vinho, sobre o passado.

A nossa relação era saudável e forte, consolidamo-la com o tempo e com um número razoável de ajustes, discussões e resoluções conjuntas. Eu comprometera-me a falar em vez de gritar, quando estava irritada, e ele a ter atenção à forma como deixava o quarto antes de ir trabalhar. Eu era enérgica e efusiva, gostava de dançar, de convidar amigos e família para a nossa casa, era maçadora, teimosa e, nas palavras dele, demasiado sensível. Por outro lado, ele vivia numa calma que eu considerava inquietante, parecia-me demasiado racional, poucas vezes ligado às emoções, era preguiçoso para o que não lhe interessava, muito tímido quando eu queria que ele mostrasse aos outros como era divertido em privado, igualmente teimoso. Recordo-me de que, após o primeiro ano da nossa relação, duvidara até se ele gostava tanto de mim quanto eu o adorava a ele, porque tínhamos formas diferentes de o demonstrar e a nossa linguagem de amor não só

era distinta como antagónica: eu dizia muito, lembrava-o disso todos os dias, mais ou menos a todas as horas, e ele preferia mostrar-mo através do toque, pela forma como me abraçava quando eu estava mais em baixo, ou pelo beijo longo e efusivo que me dava antes de nos separarmos à porta do nosso prédio. Fomos ajustando isto ao longo do tempo, tal como as outras coisas.

Éramos muito amigos um do outro, admirávamo-nos, tínhamos orgulho em chegar a uma festa juntos, sabíamos que formávamos um par bonito e, talvez por vaidade ou surpresa prolongada, gostávamos dessa sensação, de saber que o que tínhamos era verdadeiro, resistente e invejável. Eu achava-o maravilhoso, dos homens mais bonitos com quem já me tinha cruzado, justo, honesto, humilde, com uma cabeça que não reconhecia em mim e um sentido de oportunidade notório, e ele fazia-me sentir uma mulher poderosa, ouvida e amada. Agarrava-me na cintura com cuidado, mesmo quando eu via que tudo o que ele queria era virar-me ao contrário e ser parte de mim, e mexia-me no cabelo antes de adormecermos, com uma paciência e amor que eu nunca tinha sentido por parte de nenhum outro homem. Amava-o com todo o meu coração, nos dias bons e também naqueles em que só me apetecia que ele fosse à merda, frustrada tantas vezes com ele quanto apenas comigo e com os meus dias. Reconhecia-lhe qualidades que eu ainda hoje não tenho, e sabia que ele era precioso, mais precioso do que todas as pessoas com quem até então me tinha cruzado.

Lembro-me de que olhava para ele muitas vezes, quando, ao fim de semana, acordava mais cedo, e que pensava que não o merecia, porque ele era Luz e eu sempre vivi nas Trevas, entre aquilo que os outros viam em mim e elogiavam e tudo o que eu escondia e acreditava que, mais cedo ou mais tarde, seria revelado. No entanto, por egoísmo ou esperança, pensava sempre que ficaríamos juntos independentemente de tudo, de quem eu fosse

ou do que fizesse. E esforçava-me ainda mais e mais para ser boa desde o dia em que o conheci. Agora, em retrospectiva, gosto de acreditar que ele fazia o mesmo, e que tudo o que eu via nele, ele também encontrava em mim. Éramos os dois bons, o melhor que conseguíamos ser.

«Amor como o vosso só se vive uma vez na vida», diziam sempre as minhas amigas. Também me avisavam de que, se um dia terminássemos, iam lutar para ficar com ele, mas esta afirmação tinha tanto de provocação como de amizade, pelo que era sempre recebida por mim com um sorriso trocista e, muitas das vezes, com o dedo do meio levantado. Não nos íamos separar, éramos um do outro para sempre.

Por tudo isto e outras tantas coisas que, mais cedo ou mais tarde, vos contarei, quando entreguei cinquenta e tal reais ao taxista que nos deixou à porta do hotel onde íamos ficar, trocados minutos antes num balcão de câmbio no aeroporto, eu estava feliz e entusiasmada. Sabia que iam ser dias inesquecíveis. Não me enganei, mas, se fosse hoje, nunca teria regressado ao Rio de Janeiro, ainda que continue, como todos cantam, lindo.

A beleza é subjetiva, característica que partilha com a dor.

Cinco dias para o dia

A sensação de abrir as persianas pela primeira vez e olhar lá para fora é inexplicável: a força do mar, o brilho do sol, a majestade das montanhas. O Rio de Janeiro é imponente e faz-nos sentir pequenos de uma forma que, em vez de nos melindrar, nos traz a sensação de que tivemos a honra de ser convidados. Um misto de surpresa, orgulho e sentimento de pertença a uma realidade especial.

Em Lisboa, vivemos encafuados, rodeados de prédios, de empresas, de cafés, de barulho, de carros a apitar, de pessoas aos berros, de turistas de máquina fotográfica em riste, de trabalhadores impacientes e insatisfeitos com eles e com os outros. Já lá, no Rio da beleza, do ritmo e do sabor, tudo parece ocupar a dimensão certa, ter o feitio e os defeitos mais bonitos, obra do Homem concretizada com perícia e sob o olhar atento de Deus: há espaço para tudo e para todos. O contraste paisagístico, e a diferença assinalável entre uma cidade cheia de gente e outra onde a natureza respira longe, fazia com que eu, ao olhar pela janela, me sentisse em casa — num sítio no qual também me considerava mais livre para existir. «Maravilhoso», numa só palavra, tal como o recordava. Na altura, era mais jovem, despreocupada e estava sedenta para viver tudo. Uma vida inteira, ainda que curta até àquela altura, a sonhar com o Brasil, instigada pela *Gabriela* e pela *Avenida Brasil*, novelas que passavam na televisão por cabo em Portugal e que eu vira, ao longo da minha infância e início de adolescência, graças à minha mãe, que gravara muitos dos episódios em cassetes e, mais tarde, na *box*. O açaí também teve um papel importante na minha decisão de, aos vinte anos,

ir, por fim, ao Rio de Janeiro — pode parecer descabido, mas tinha chegado recentemente às grandes superfícies comerciais em Lisboa e eu estava viciada naquele *snack* gelado, que pedia sempre com pedaços de *Oreo*, *Nestum* e molho de morango.

Nesse tempo, bebia e fumava demasiado, não tinha medo de nada nem de ninguém, e nenhum local me parecia pouco recomendado para meia dúzia de miúdas portuguesas de vinte anos. Queria conhecer e conversar com todos aqueles que para isso estivessem disponíveis e tinha pouca noção do ridículo, razão pela qual, nas semanas que lá passei de férias com umas amigas, anos antes, faláramos português do Brasil, imitando-os nos trejeitos, expressões e regionalismos. Hoje, recuando, admiro-me que ninguém tenha achado que estávamos a fazer pouco deles, eu em particular, com a minha tentativa disparatada de sotaque carioca (nunca fui muito feliz a imitar pronúncias). Por uma questão de honra e receio de represálias, aqui clarifico: não estava, só me queria enturmar.

Nessas férias que passei com as minhas amigas, em dois mil e dezoito, divertimo-nos tanto, fizemos muita praia, dormimos poucas horas, dançámos até não aguentarmos mais os saltos, e depois continuámos, já sem eles, descalças, livres. Foram mil e quinhentas aventuras, risos descontrolados, brindes a todas nós, às que não tinham ido — por falta de dinheiro ou por receio dos pais —, aos rapazes com quem já tínhamos dormido e a todos aqueles que viriam daí em diante, foi tudo e mais alguma coisa, dos dias mais felizes da minha vida, e também alguns daqueles em que achei que ia morrer de ressaca da maldita cachaça velha. Mas a verdade é que, anos depois, o que ficou foi a impressão permanente de suor, de vestido curto colado ao corpo, de açúcar de caipirinha preso entre os dentes, e a sensação de alegria por não precisar de muito mais do que delas, uma bebida, uma praia

e música brasileira. O calor, a calma durante o dia e a agitação noturna, a felicidade, a falta de horários e o desprendimento do que os outros, aqueles que também ali estavam, podiam pensar ao nos verem bêbedas, histéricas, sem maquilhagem e com o cabelo desarranjado. Tinha experienciado isso ali e queria-o de novo. Foi por isso que, quando, meses antes, ele me perguntou onde queria passar as nossas férias daquele ano, não hesitei: tinha de voltar.

«Nunca regresse onde foste feliz», é o que dizem, não é?

Queremos sempre voltar aos locais onde nos sentimos completos e realizados, mesmo que já não sejamos os mesmos. Isso aconteceu-me naquela altura e foi o mote para esta viagem com ele. Amadureci, ainda que não tenham passado tantos anos assim, e mudei bastante. O trabalho desgastou-me e tirou-me a energia adolescente, que eu acreditava ser inesgotável, e que me permitia fazer diretas ou virar *shots* como se fossem água da torneira; a paixão por ele fez-me perder o interesse por outros homens e pela sensação irrequieta que se espalhava por todo meu corpo ao ser vista e bajulada (e que era um dos principais motivos que me levavam a sair à noite); e ganhei muitos receios que, da primeira vez que lá fui, não tinha. Todos me disseram que o Rio de Janeiro estava mais perigoso, que não era um destino para um casal, que devíamos ir para Trancoso ou para Fernando de Noronha, e eu, que nunca tivera medo de nada e me sentira tão bem naquela cidade, comecei a ponderar se fazia sentido arriscarmos: o Brasil pós-covid estava mais perigoso, as pessoas estavam mais pobres e, por isso, mais desesperadas, e o meu sotaque carioca, arranhado e patético, não nos retirava da testa a palavra gringos — éramos presas fáceis. Ele descansou-me: ia tudo correr bem, estava a emprenhar pelos ouvidos, «as nossas famílias são sempre muito medrosas, não liguem». Concordei, até porque queria muito regressar.

Tínhamos combinado que, naquela semana, éramos só nós. Não convidámos nenhum casal amigo, como, por vezes,

fazíamos; recusámos, da forma mais educada possível, aquelas que, ao saberem do nosso plano, se tentaram juntar (o que aconteceu muito: quem não queria ir para o Rio de Janeiro com aquela idade?), e, aos nossos pais, curiosos para saber o destino e carregados de preocupações com a segurança, apelidamo-la como uma lua de mel antecipada. Tínhamos vinte e seis anos, eu de janeiro, ele de julho, e sabíamos que, mais ou cedo ou mais tarde, iríamos selar o nosso compromisso com a festa pela qual todos ansiavam. Não estávamos com pressa, mas nenhum de nós tinha medo desse passo que, inevitavelmente, daríamos: fazia sentido, era o suposto, aconteceria. Nem sempre foi assim, até porque eu, nascida e criada no seio de uma família católica, vítima do patriarcado, que impõe às mulheres serem, para chamadas de tal, boas esposas e boas mães, e também por causa dos filmes e livros românticos devorados na infância e adolescência, queria tanto casar quanto existir. Tinha pressa, e isso, que agora me parece absurdo e desprovido de maturidade, tinha sido a causa do término do meu primeiro relacionamento amoroso... aos vinte anos. Não estivesse eu à vontade com quem vai receber estas páginas, e deixava esta história debaixo do tapete, com receio que me considerassem lunática ou demasiado ingénuas: pois bem, pensem o que entenderem. Se eu não vos contar tudo, tal qual fui, pensei e senti, não terão elementos suficientes para julgar tudo isto, coisa que decerto farão... E isso, para quem, anos depois, ganhou coragem de partilhar a verdade, num ato que tem muito mais de egoísmo do que de generosidade, é um fardo que não quero carregar.

Dizia eu que queria muitíssimo casar, mas que, quando viámos para o Rio de Janeiro, estava em paz com a ideia de esse passo não ser dado brevemente: não tínhamos muito dinheiro (eu era bastante assertiva neste ponto, detestava pedir dinheiro aos meus pais), não éramos os mais entusiastas por todo o floreado que rodeava essa cerimónia e, acima de tudo, estávamos

entupidos de casamentos de amigos nos próximos três verões — ainda que quiséssemos, não existiriam quintas disponíveis em Lisboa. Tinha perdido a sofreguidão pela cerimónia ao longo do tempo e, acima de tudo, passados os primeiros anos do nosso namoro.

Aqui, talvez valha a pena partilhar convosco que comecei a fazer psicoterapia quando me estreei na vida profissional, sugestão trazida para cima da mesa pelo meu pai, quando, aos vinte e um anos, me viu a atravessar uma fase difícil. Agora, relativizo-a, as coisas más vão-se sucedendo e retiram importância às anteriores, mas, naquela altura, eu estava embrenhada num conjunto de dúvidas e receios relacionados com o meu corpo e com a entrada no mercado de trabalho que mereciam ser escrutinados e superados com ajuda. Sei que um dia vais ler isto, querido pai e amigo, e, por isso, aproveito este momento para te agradecer por me teres convencido a ir e para te pedir desculpa por nunca to ter dito olhos nos olhos, conforme merecias: vais sofrer muito com as páginas que se seguem, e sei que me recomendarás que regresse às consultas — peço-te, no entanto, por favor, que não o faças —, estou preparada para escrever, mas ainda não consigo falar sobre isto com ninguém. Se calhar, nunca estarei, mas também sejamos honestos, tal como me ensinaste: isto não é daquelas coisas com as quais se aprenda a viver e, por isso, estou, desde aquele dia, no processo de aprender a morrer. Sorte a minha de saber que o fim se aproxima e de, por isso, me poder despedir de ti como mereces.

Numa das consultas com a psicóloga que encontrei na Internet, e que me atendia num gabinete despido na Avenida Defensores de Chaves (creio, se a memória não me falha, que se chamava Carolina — recomendo, empática e com um sentido de humor apurado), apercebi-me de que o principal motivo pelo qual quisera tanto, quando era mais nova, casar com alguém (sublinho: *alguém*), se prendia com o meu medo de ser deixada,

e não com o desejo de passar o resto da vida com essa pessoa. Chamou-lhe «trauma de abandono» e escavou tanto quanto pôde na minha infância, nas relações que estabeleci, ao longo dos anos, com todos os homens com quem me cruzei, e nas minhas inseguranças. Recordo-me de que, na altura, me disse que, ainda que não houvesse uma razão plausível para essa síndrome, isto é, baseada em experiências traumáticas anteriores, eu tinha-a e sentia-a na pele: não lhe disse, porque tive receio de que me achasse louca (eu tentava sempre parecer normal, o mais normal que conseguia, ansiando que me dissesse que o meu pai estava errado e que eu não precisava de ali estar), mas eu sabia o motivo de ser assim — «aprendi-a nos livros que li, doutora, devorei-os tão intensamente que, sem eu querer, passaram a doer-me a mim».

Ainda assim, e já com esta coisa na cabeça do «trauma de abandono», nome que podia dar a esta ânsia de ter um anel no dedo, com ele foi diferente. Quando, passados os primeiros dois anos, percebi e confiei que ele gostava de mim, que me queria bem, que era feliz ao meu lado e que, juntos, estávamos a construir bases sólidas para que a relação perdurasse na vida, larguei essa obsessão louca de casar. O amor que nutria por ele era dos bons, daqueles que nos preenchem as medidas e vazam para fora, tão cheios que nos deixam. Cheia de amor e não cheia de mim, importante enfatizar pela diferença e raridade que isso é. Tinha ganhado outra perspetiva sobre as relações e, acima de tudo, queria-o livre ao pé de mim, porque lhe apetecia ali estar: não via nenhum sentido em que quatro assinaturas (as nossas e as dos respetivos padrinhos) e uma festa de quinze ou vinte mil euros, paga pelos coitados dos nossos pais, fossem o motivo pelo qual ele continuaria comigo e eu com ele. Mas estas coisas vieram com a idade.

Agora, sim: a cinco dias do dia

Mal olhei pela janela e vi que estava um dia bonito, gritei-lhe que tinha de se levantar.

«Está um dia maravilhoso, vem à janela!»

Enchi-o de beijos, tirei-lhe os lençóis de cima, liguei o meu telemóvel à coluna do quarto e pus a tocar o álbum de mil novecentos e setenta e um, do Chico Buarque, *Construção*. Ele lá se levantou, a algum custo — sempre dormiu muito mais do que eu, dizia-me que tinha de tentar descansar também —, e desfilou até mim, numa espécie de coreografia (a forma como ele dançava era muito característica e, na minha opinião, atraente) ao som da *Samba de Orly*.

Sempre fui muito entusiasta com a vida. Fora breves períodos de reclusão — uma vez no final da adolescência, por desgosto de amizade (aqui voltaremos, porque fará sentido); a outra, já na fase adulta, a braços com uma breve depressão nunca diagnosticada pela Carolina, mas certa para mim — amei viver e fi-lo com o entusiasmo de mil crianças. Era uma das coisas que as pessoas mais me diziam, «estás sempre alegre, toda contente», e que isso, inevitavelmente, era um dos motivos pelos quais era convidada para jantares à sexta-feira, festas de aniversários e fins de semana de verão na casa dos pais de alguém. Claro que eu sabia que isso não era bem assim, e que, cá dentro, moravam outras coisas, um ou dois fantasmas, três ou quatro receios fortes, cinco ou seis motivos que me faziam triste. No entanto, tentava que nenhum destes números, separados ou somados, fizessem parte dos meus dias e, acima de tudo, fossem percecionados pelos outros — sabia que as tristezas se vivem sozinhas, porque ninguém as sente como nós.

Agora, a chegar aos trinta, distante de quem fui e das pessoas que fui acumulando ao longo dos dias, nas escolas e nas atividades extracurriculares por onde passei, nos vários empregos que tive e nas casas de banho das discotecas, sei que isso é verdade. A tristeza é nossa, só nossa. Partilhá-la com quem nos ama é um ato de egoísmo, ainda que nos convençam do contrário: estamos na merda e arrastamos aqueles de quem mais gostamos para chafurdarem nela connosco. Podem pedir-nos que o façamos, mas amar também é proteger e recusar convites aliciantes: eu, por mais que, por vezes, tenha tido vontade de o fazer, guardei esta história comigo, e hoje, passados anos, apenas a partilho porque sei que o meu tempo está a acabar. Devo explicações à minha família; aos amigos, para quem desapareci; a ele, que me perdeu de vista, ainda que me tenha pedido para estar presente durante todo este tempo. Não quero ir sem que saibam o motivo da minha partida. Também é egoísta, bem sei, mas não o consigo guardar mais, não caberia na campa que os meus pais, com toda a certeza, mandarão fazer e, acima de tudo, desconfio que, se guardasse este segredo, nunca descansaria em paz... E ele sempre disse «tens de tentar descansar».

Mal saímos do hotel, banhos tomados e roupa leve vestida, senti a brisa do Rio de Janeiro a entrar em mim. É uma mistura do calor asfixiante do Alentejo veranil com a brisa quente que só se faz sentir nas noites de maior calor em Lagos — dos únicos sítios em que consigo jantar numa esplanada em Portugal sem levar um casaquinho aos ombros. Estávamos num dos melhores hotéis do Leblon, não só graças à maravilhosa promoção que, meses antes, tinha encontrado num daqueles *sites* de reservas de alojamento, como também por o real estar ridiculamente baixo: naquela semana, ali, sentíamos-nos ricos, com um poder de compra que nunca tínhamos tido em Portugal e que, enquanto o Partido Socialista continuasse a governar com maioria absoluta, duvidava ser possível para os jovens como nós. Vítimas da Troika;

das trapalhadas do BES, nas quais os nossos avós tinham perdido as poupanças de uma vida; da pandemia covid-19 e da inflação galopante, resultante da invasão da Rússia à Ucrânia (onde as verdadeiras vítimas morriam e nasciam); e também aos grandes grupos económicos que, nessa onda, e muito «à portuguesa», se tinham aproveitado. Apesar de qualificados, ambos com licenciatura e mestrados feitos em boas universidades públicas portuguesas, não ganhávamos bem, estávamos longe de poder comprar uma casa, pensar em filhos ou sequer comer abacate ao pequeno-almoço com regularidade. Também por tudo isto, nesta primeira manhã, assim que nos sentámos nas cadeiras de praia trazidas por um jovem que trabalhava numa das barracas do Posto 9, e olhámos para a ementa (que, no Brasil, se diz cardápio), sorrimos de contentamento — uma caipirinha custava três euros, uma água de coco, bem negociada, ficava a metade do preço. Barato, barato.

Aquela praia, mesmo em frente ao nosso hotel, tal como todas as que visitámos naquela semana (com exceção da praia da Joatinga, que aconselho, a cerca de quarenta e cinco minutos de Ipanema, mais deserta e ainda sem vendedores loucos), era um centro comercial a céu aberto. Já não me recordava, e isso, ao início, teve tanto de engraçado como de incomodativo. Tudo se vende na praia e, quem o faz, topa logo os gringos — que é como quem diz, estrangeiros —, razão pela qual éramos abordados de dois em dois minutos. Biscoitos *Globo*, camarão na brasa, queijo coalho assado, biquínis, toalhas, caipirinhas, açaí, tabaco, colunas de som, gelados, cerveja, pastel com *catupiry*, empanada de carne picada, amendoins, paçoca. Dada a quantidade de oferta, parecia-me possível nunca mais nos levantarmos — ali, tomava-se o café da manhã, almoçava-se, lanchava-se e, com sorte, se eles não se fossem embora depois do pôr do sol, também se petiscava à hora de jantar. Parece um sonho, mas, para quem, como eu, gosta de levar um livro para a praia, e precisa mesmo de silêncio para

desfrutar da paisagem, torna-se irritante, principalmente tendo em conta a forma como nos tentam vender as coisas: impingem-nas, aproximam-se muitíssimo de nós e gritam-nos aos ouvidos que, ao comprarmos aquilo, seja lá o que for e a que preço, podemos ajudar a família deles, que vive mal na favela e precisa da ajuda dos portugueses.

Não me entendam mal — sentia empatia (e pena) por todas aquelas pessoas e pelas respetivas histórias. Muitas delas tinham um ar faminto e carregavam nos ombros preocupações que eu, do alto do meu privilégio, confortavelmente sentada a ouvi-los, acreditava conseguir sentir. No entanto, a tática comercial utilizada — do «eu preciso que comprem» ao invés do «você precisam de comprar isto» — deixava-me nervosa e desconfortável: não queria negar comida a uma recém-nascida que esperava, numa casa sem saneamento básico, a mãe, vendedora de paçoca e de biscoitos na praia, que andava quilómetros a pé, na areia, debaixo de um sol de quase trinta graus, mas não podia atender a todos os pedidos constantes de comprar comida, roupa ou equipamentos eletrónicos. Sentia-me culpada, e, por vezes, até cheguei a ter receio de que nos assaltassem (alguns vendedores olhavam-no, semblante trancado, e insistiam: «Paizão, não tem cinco reais?»), mas eu sabia uma das regras de ouro durante as férias no Rio de Janeiro: ignorar as partes más. Desde há muito tempo para cá, isso significa virar a cara a uma grande fatia da população e à pobreza em que vivem.

*Amor daquela vez
Como se fosse a última*

Um casal foi de férias para o Rio de Janeiro, numa viagem que prometia ser inesquecível. Depois de dias encantadores, banhados pelo sol e pelo espírito carioca, leve e sempre em festa, aproveitaram uma das últimas noites para irem jantar fora. Quando terminaram a refeição, satisfeitos e apaixonados, decidiram voltar a pé para o hotel, mas não se recordavam se o caminho mais perto era pela esquerda ou pela direita. Como é que a vida pode mudar tanto, apenas assim, graças a uma escolha irrisória?

Um relato profundo e duro, escrito na primeira pessoa, que se debruça sobre a finitude da vida, as decisões irrefletidas que a moldam e o conceito de amor eterno, com a cidade maravilhosa como pano de fundo.

«Éramos felizes, verdadeiros camaradas e a âncora um do outro. Um dia, o nosso barco afundou-se e nenhum dos objetos que éramos nos salvou.»


Clube das
Mulheres
Escritoras



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 topseller.suma

 penguinlivros

ISBN 9789895834419



9 789895 834419 >